

OLÍVIA OSÓRIO  
FIDÉLIS DALCIN BARBOSA

---

# Eu morri, mas continuo cantando



EST

OLÍVIA OSÓRIO, natural do município gaúcho de Lagoa Vermelha e residente na cidade de Vacaria, vem sendo admirada e aplaudida do Rio Grande do Sul até o Estado de Minas Gerais. Aplaudida, sobretudo, pelas suas apresentações em salões de festas e, mais ainda, nos galpões dos Centros de Tradições Gaúchas, espalhados por quase todo o Brasil.

Cantora, acordeonista e jornalista, Olívia, há mais de vinte anos, viveu um episódio dramático, que agora, candidata a vereadora por Vacaria, resolveu narrar ao longo destas páginas.

No ano de 1972, quando tocava num fandango de CTG no interior de seu município natal, apresentou-se diante do palco um jovem casal que ofereceu a ela um copo de veneno, que a cantora julgou tratar-se de um copo de refrigerante.

Olívia tomou uns goles daquela bebida, e o casal deu o copo para uma garota que estava sentada lá no palco. A menina, que era do município gaúcho de Barracão, ingeriu aquela bebida e, imediatamente, caiu desmaiada, não se sabe se faleceu.

A cantora sentiu-se mal, fazendo com que o baile fosse suspenso. Um médico, presente, examinou-a, declarando que ela estava envenenada.

Internada no Hospital das Clínicas da Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, durante dois anos, foi submetida a transplante de vários órgãos, tendo, ainda, sofrido terrível infecção hospitalar.

Olívia Osório  
Fidélis Dalcin Barbosa

# Eu morri, mas continuo cantando



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

2013



Olívia Osório  
Fidélis Dalcin Barbosa

**Eu morri, mas continuo cantando**

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, Biografia. -Porto Alegre: Edições ESI, 1996. 80p.; IL.; 21CM.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**[Creative Commons Atribuição-CompartilhaQual 3,0 Nao Adaptada.](#)**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 03/07/2013

O83e Osório, Olívia

Eu morri, mas continuo cantando [recurso eletrônico] /  
Olívia Osório, Fidélis Dalcin Barbosa. – Passo Fundo :  
Projeto Passo Fundo, 2013.  
E-book (formato PDF).  
ISBN 978-85-8326-016-5

Modo de acesso: World Wide Web:  
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Cantora – Autobiografia. 2. Memórias. 3. Jornalista.  
I. Barbosa, Fidélis Dalcin, 1915-. II. Título.

CDU: 929

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

## APRESENTAÇÃO

*Sou grato à ilustre amiga Olívia Osório, cantora de renome nacional acordeonista, jornalista e política, que me honrou convidando-me a colaborar na composição de sua autobiografia, que leva o impressionante título “Eu Morri, mas Continuo Cantando”.*

*Lagoa Vermelha não é apenas berço de políticos de destaque, como o Ministro Paulo Lacerda, como os Deputados Federais Manuel Duarte, João de Paula e Silva, Elói Lenzi e, atualmente, Jarbas Lima, a par do atuante Deputado Estadual Francisco Appio; Juizes de Alçada e Federais, como Nilson Paim de Abreu e Nelsi Astolfi; escritores como Ovídio Chaves, conhecido no mundo inteiro com sua modinha popular “Fiz a cama na varanda”, traduzida em quinze línguas, irmão do jornalista Hamilton Chaves; mas Lagoa Vermelha é também berço de famosos músicos e cantores.*

*No livro “Lagoa Vermelha e sua História”, editado em 1974, e que recebeu o “Prêmio Gerdau”, conferido pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no capítulo intitulado “Chote Laranjeira”, uma das mais belas páginas da arte e do folclore rio-grandense, figura o nome do autor lagoense João Laranjeira; assim como o de Hélio Teodoro, nascido em Lagoa Vermelha a 26 de novembro de 1923, autor da linda valsa “Lagoa Vermelha”. Entre outros músicos e cantores, salientam-se os laureados Irmãos Góis Vieira.*

*Lê-se, ainda, no livro: Os “Irmãos Osório” (João Maria e Olívia), os cancioneiros dos pampas, igualmente filhos de Lagoa Vermelha, com vários discos com gravações como “Saudade do Rio Grande”, “Ave-Maria das Mães”, “Fandango de Galpão” e “Caixão de Prata”.*

\* \* \*

*OLÍVIA OSÓRIO pertence a uma família de músicos, como seu pai, como sua tia Maria Paulina Affonsó de Mattos, seu irmão João Maria Osório, e até o sobrinho Fernando Osório, diplomado em música com apenas 14 anos.*

*Filha de Fernandes Alves Osório (20-10-1914 - 20- 8-1986) e de Constância Antunes Osório (10-4-1908 - 7-12- 1994), Olívia nasceu na localidade de Taboão, no distrito de Clemente Argolo, município de Lagoa Vermelha.*

*O pai, que tinha nove irmãos, filho de Antônio Alves Osório, provinha de antepassados de nacionalidade portuguesa, espanhola e alemã, ao passô que a mãe tinha sangue cigano, uruguaio e indígena. Falava a língua alemã, tupi e caingangue. A filha aprendeu estas duas línguas indígenas de sua mãe.*

*Em criança, na sua terra natal, Olívia frequentou a Escola Isolada Caramuru. A seguir, estudou em Erechim e em Lagoa Vermelha, tendo aulas de música na Escola Rainha da Paz.*

*Transferindo-se para Vacaria, estudou música com a professora Julieta Aquatti, no Colégio São Francisco, dirigido pelos Irmãos Maristas. A seguir, na cidade catarinense de Lages, completou sua formação artística na Escola de Música.*

*\* \* \**

*Com a idade de nove anos, começou a cantar e, com 14, a tocar. Com seu irmão João Maria, formou-se o conjunto musical “Os Irmãos Osório”. Tocando e cantando, principalmente músicas gauchescas, a dupla passou a receber convites para atuar em festas nos galpões de CTGs no Rio Grande do Sul, passando, depois, para os Estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso, Minas Gerais...*

*Durante oito anos, a dupla tocou e cantou na Rádio Clube e na TV Planalto de Lages, sob a direção do Sr. Carlos Jofre do Amaral.*



*Os pais venderam sua propriedade rural em Clemente Argolo e passaram a residir em Vacaria, onde findaram seus dias.*

*No ano de 1972, a dupla se encontrava em pleno trabalho, e os dois irmãos atuavam com sucesso, quando aconteceu a tragédia de que se ocupa o presente livro.*

*\* \* \**

*No ano de 1972, Olívia, vítima de envenenamento, ficou internada no Hospital das Clínicas da Universidade Federal do Paraná, em Curitiba.*

*Restabelecida milagrosamente, cursou jornalismo durante quatro anos, na Faculdade Livre de Comunicação Social, na União dos Profissionais da Imprensa, sob a direção do Dr. Carlos Santos, no Rio de Janeiro.*

*A seguir, fez curso de Parapsicologia com o Pe. Oscar Gonzalez-Quevedo, e curso de Psicologia com o professor Brasília Starepravo.*

*Em Vacaria, fundou os jornais “Marca do Tempo” e “Tribuna do Rio Grande”, ambos em atividade neste ano de 1996. Nesta tarefa conta com a valiosa colaboração do jornalista Iلسon Jorge Silveira de Oliveira, que é natural de Bom Jesus, foi seminarista diocesano em Vacaria, fez curso de contabilidade e de jornalismo em Porto Alegre.*

*Por insistência de amigos, Olívia aceitou candidatar-se ao cargo político de vereadora, pela União por Vacaria, dos partidos PPB, PDT, PL, PSDB e PTB, na chapa dos candidatos a prefeito e Vice-Prefeito Mezari e Casanova.*



## Sumário

APRESENTAÇÃO.....	7
01 - HINO DE AÇÃO DE GRAÇAS.....	13
02 - COPO DE VENENO.....	14
03 - ERA VENENO.....	16
04 - EM CURITIBA.....	17
05 - NOS UMBRAIS DO CÉU.....	19
06 - EU ESTAVA NO CÉU?.....	23
07 - EU MORRI.....	25
8 - A RECUPERAÇÃO.....	28
09 - CONSELHOS.....	32
10 - EM CURITIBA OUTRA VEZ.....	34
11 - GAITEIRO PALA BRANCO.....	36
12 - O PIOR MÉDICO DO MUNDO.....	38
13 - EM PROL DE MENINOS DE RUA.....	40
14 - PRIMEIRA DAMA DO PAÍS.....	45
15 - PARQUE TUPÃ.....	48
16 - NA ACADEMIA CORPO LIVRE.....	50
17 - SANGUE INDÍGENA.....	52
19 - AGRICULTOR SEM TERRA.....	56
20 - AVE-MARIA DAS MÃES.....	58
21 - SISTEMA CIGANO.....	60
22 - VALENTINO LAZZERI.....	62
23 - AGRADECIMENTO.....	63
24 - MINHA MÃE.....	64
Índice de ilustrações.....	88





## **01 - HINO DE AÇÃO DE GRAÇAS**

Desejo, com o presente livro, que estou escrevendo com a ajuda do escritor Fidélis Dalcin Barbosa, entoar um hino de ação de graças. Um hino vibrante de gratidão ao Senhor, que me abençoou de maneira prodigiosa, fazendo com que, apesar de ter sido considerada morta, continuo vivendo feliz a cantar.

Não foi apenas uma, mas três vezes, em que andei as portas da morte. Por graça, digo melhor, por milagre de Deus, encontro-me, há mais de dez anos, na mais perfeita saúde e no apogeu de minha carreira artística, a percorrer o Brasil tocando minha sanfona de 120 baixos e cantando Com minha voz varonil.

Então, aonde não chega minha pessoa; chega minha voz com as canções gravadas em discos. Canções que penetram em qualquer lar, até nos mais longínquos rincões. E, ainda, através da imprensa, nos dois jornais que fundei, envio minhas mensagens tradicionalistas, falando do meu amor ao torrão natal. Levanto de madrugada. Faço minhas orações. Leio um trecho da Bíblia, o Livro Sagrado que já li inteiro por quatro vezes. Tomo meu chimarrão e começo a luta. Quando os programas artísticos permitem, colaboro com as obras sociais, com a Igreja, visito o Asilo Santa Isabel, o Hospital Nossa Senhora da Oliveira, o presídio, o Seminário...

Nas minhas apresentações, procuro transmitir mensagens de otimismo, entoando, desta maneira, um hino de profunda e eterna gratidão ao Senhor, pela sublime epopeia de graças com que me abençoou, conforme passo a narrar ao longo destas páginas.



## **02 - COPO DE VENENO**

Na vasta coleção de minhas músicas, há uma canção que leva o nome de Copo de Veneno. Faço com ela uma referência ao dramático episódio que vou narrar a seguir.

Era o ano de 1972. Eu e meu irmão João Maria Osório, formando então o conjunto musical Irmãos Osório, estávamos tocando num fandango de galpão num CTG do interior do município gaúcho de Lagoa Vermelha, donde somos naturais.

De repente, aparece em frente do palco um senhor alto, bem claro, acompanhado de uma senhora. Um casal jovem e simpático inteiramente desconhecido de nós e de todos quantos se encontravam naquele salão.

No meio de tanta gente, que se comprimia naquele galpão, o casal se aproxima e me alcança um copo de refrigerante, que calculei tratar-se de Coca-Cola. Eu aceitei, tomei uns goles, o casal passou o copo para uma mocinha do Barracão, que estava sentadinha lá no palco ao nosso lado. Ela tomou e em seguida caiu desmaiada. Foi retirada por seus familiares; não sei se faleceu.

Antes eu havia tentado passar o copo ao baterista, que, no entanto, para não interromper a música, recusou, providencialmente.

Eu fiquei muito mal. Larguei a acordeona na cadeira e participei ao meu irmão que não poderia continuar tocando porque não me sentia bem. Tinha uma ânsia muito ruim, uma forte dor de cabeça e de estômago, tontura...

Aí o baile parou, havendo meu irmão comunicado ao presidente da sociedade tradicionalista que o baile não poderia prosseguir, porque eu estava muito mal.



Nenhum membro da sociedade, assim como eu e meu irmão, possuía qualquer informação acerca daquele casal, sua procedência e suas intenções ao oferecer-nos aquela bebida. O mistério permanece insondável até hoje.

### **03 - ERA VENENO**

Um médico presente naquele salão me examinou e declarou que eu havia ingerido veneno. Pediu que me levassem para Lagoa Vermelha, a cidade mais próxima.

Fui transportada para a cidade, onde o Dr. Agustin Nieto Rey, atualmente em Brasília, me examinou e confirmou que eu tinha sido envenenada, sem, contudo, informar a espécie de veneno.

Mediante rigoroso tratamento, graças a Deus melhorei. Mas continuei em tratamento durante seis meses, a fim de me libertar daquela intoxicação.

Após três meses, eu fui a Porto Alegre para assistir a um Grenal, junto com meu irmão e João Batista Camargo, que haviam tocado num fandango em Caxias do Sul. Depois, o meu irmão foi ao Estado de Santa Catarina, para divulgar a nossa música do Rio Grande.

Depois do Grenal, me diverti com os companheiros, meus conterrâneos. Cheguei a comer. Jantei, pois achava que estava livre da intoxicação e que a alimentação estava liberada para mim.

Voltei e logo me senti mal, devendo ser hospitalizada. Fizeram-me uma operação de apendicite, julgando que o meu mal seria aquele e que o apêndice poderia estar supurado. Essa operação foi feita em Lages, pelo Dr. Clito.

Quando abriram a barriga, meus intestinos saltaram para fora, surgindo daí um seríssimo problema, que me levou às portas da morte. Foram chamados meus pais, ambos falecidos hoje.





## **04 - EM CURITIBA**

Fui transportada para Curitiba, onde fiquei internada no Hospital de Clínicas da Universidade do Paraná. Entrei naquele hospital em 1972 e só saí dele em 1974. Lá fui submetida a transplante de intestinos e perdi o rim direito. Mas meu organismo rejeitava. Permaneci 22 horas na mesa de cirurgia. Antes de entrar para a sala, os médicos me perguntaram se eu desejava deixar dito algo para os familiares, porque eles não garantiam nada.

Eu entrei no hospital pesando 65 quilos. Eu era bem reforçada. Mas acabei pesando 29 quilos. Além das terríveis complicações provenientes do envenenamento, tive uma incrível infecção hospitalar.

Permaneci 50 dias sem ingerir alimento algum. Perdi todos os cabelos. As costelas estavam à mostra. Eu não aguentava mais aquele mau cheiro que se desprendia do meu corpo, quase em decomposição. As enfermeiras deviam trocar minha roupa cinco a seis vezes ao dia.

Sentia dores incríveis. Cheguei a pedir à junta médica que dessem um jeito, que me deixassem morrer em paz, para meu descanso, descanso dos familiares, das enfermeiras, dos amigos.

As enfermeiras estavam realmente agastadas comigo. Havia uma delas, Lourdes, uma senhora loira, gorda, que me dizia: Por que você não deixa o hospital e nos deixa em paz? Você é a pessoa que mais incomoda aqui no hospital.

Uma noite, ela chegou a me bater, embora eu não sentisse dor. Havia lá uma senhora de 80 anos que chorava porque D. Lourdes batia nela também. Quando foi um dia, resolvemos falar para os médicos, contando o que aquela enfermeira nos fazia.

Eles tomaram providências, procurando afastá-la do hospital.



- Não - dissemos nós - não queremos que ela saia do hospital. Basta que ela não surre mais.

Daí em diante ela não bateu mais.

Eu havia perdido as forças. Não podia parar sentada. Tinha perdido o jeito de falar. Só não perdi a audição, que era perfeita. Eu ouvia tudo quanto os médicos falavam.

## **05 - NOS UMBRAIS DO CÉU**

De repente, me vi no meio de uma enorme escuridão, que causava uma ansiedade incrível. Eu parecia que estava transformada numa bola como de futebol de salão. Eu corria atrás de uma bolinha, bem menor, branquinha. Corria horizontalmente. Nem para o alto nem para baixo. Andava veloz como o vento.

Por baixo, aparecia uma corrente grossa, como de trator. Súbito, a bola principiou a tomar o rumo para cima, para o alto. Eu sempre atrás da bola pequena.

Cheguei a uma espécie de porta, entrada de um túnel, que não tinha teto. Apenas a entrada era coberta.

Entrei naquele túnel, onde havia uma claridade muito grande. Ao entrar naquele túnel, vi um senhor de uns 70 anos, velhinho, de cabelos brancos. Roupa cinza. A calça da pema esquerda tinha um remendo. A camisa, cor cinza. Uma bengala na mão.

Aí aquela bolinha se transformou numa criança de uns dois anos, bem loirinha. Pela roupa que vestia, não era possível saber se se tratava de menino ou menina.

Aquele senhor colocou a mão na minha cabeça. Disse que era uma pessoa. E eu não sabia o que era uma pessoa. Não sabia nem o que era uma folha de árvore, o vento...

Então, ele pôs a mão na minha cabeça. Eu fui atrás da criança, que chegou ao lado da porta, junto com aquele senhor.

Havia lá classes de escola antiga, do interior. A criança se ajoelhou à minha direita. Também me ajoelhei. Rezei um Pai-Nosso e uma Ave-Maria. A criança, que estava ajoelhada, acho que também rezava.

Quando terminei de rezar, a claridade ficou ainda maior. Tudo muito claro. A criança levantou e eu também. Fomos junto para perto daquele senhor. Ele pôs a mão na minha cabeça, e eu chorei muito. E ele disse: Você morreu. Assustei-me e comecei a chorar ainda mais.

Então, fui me lembrando de tudo, das coisas que eu havia esquecido. Me lembrei que eu cantava, que tinha família. Continuei chorando perdidamente.

Quando aquele senhor colocou a mão na minha cabeça, eu enxerguei meu pai vestido de pala, andando no corredor do hospital em direção à secretaria.

Eu estava sentada chorando. Minha mãe estava lá e chorava comigo. O pai estava com os olhos pretos, num estado de suprema tristeza. Estava até roxo de tão triste.

Ele ia indo com papéis na mão.

Aí aquele senhor tirou a mão da minha cabeça e, então não vi mais meus pais, nem os dois médicos, que antes eu via.

Depois enxerguei o mundo grande. A lua, ao pôr-do-sol, via-se a metade, tendo ao lado uma estrela, bem como a gente vê da terra.

Do lado sul, enxerguei uma tia minha, com vestido comprido e rosário na mão. Perto, havia outras pessoas rezando. Eu não me preocupei em ir abraçar minha tia, Maria Paulina Afonso de Matos, que era uma grande sanfoneira. Fazia uns dez anos que esta tia havia falecido.

\* \* \*

Perguntei àquele senhor de que eu tinha morrido.

- Você morreu - respondeu - porque as suas tripas apodreceram.

Ele me mostrou como minhas carnes estavam apodrecendo. Então, comecei a chorar.



Naqueles anos de 1972 a 1974 não havia sido ainda descoberto o remédio para a infecção hospitalar. Por isso, eu creio, pura e fielmente, que eu me salvei por graça de Deus. Somente por graça de Deus. Senhor, muito obrigada!

Aquele senhor me declarou mais, que eu iria ter grandes alegrias. Acrescentou: Lá na terra tem o dia e a noite. Aqui é sempre dia claro.

Perguntei a ele se eu ia ver Deus. Ele não me disse que eu iria ver Deus, mas que eu devia ter que ficar naquele mesmo lugar o tempo em que estivesse na terra.

Eu iria ter uma segunda morte naquele lugar. Eu iria para outro mundo muito melhor.

Eu continuei chorando, mas não sentia mais dor alguma. Eu disse que lá na terra eu gostava do meu corpo. E ele:

- Não. Você vai ter o seu corpo aqui. Pode pôr a mão.

Coloquei a mão no meu corpo, perto do estômago. O corpo, que estava se decompondo, não usava roupa.

E lá eu tinha o corpo bem sãozinho. Não sentia dor alguma. Mas eu tinha uma tristeza muito grande, muita saudade de meus pais e não podia avisar a eles que eu estava feliz.

Ele disse que eu tinha morrido. E eu não queria concordar com aquilo, com a morte. Ele me disse:

- Minha filha, lá na terra a pessoa tem que procurar sempre momentos bons, coisas boas. Aqui você vai ter sempre coisas boas.

Perguntou-me se eu tinha brigado, se tinha raiva de alguém na terra. Então me lembrei de uma senhora que uma vez me agrediu, riu do meu vestido à gaúcha, da minha gaita. Me disse palavras.

Agora eu queria bem a ela, como se fosse uma santa. Não tinha ódio algum dos desaforos, dos palavras. Eu agora tinha pena dela.

Ele me disse que eu teria de rezar muito para conformar meus pais. Meu sentimento era de não poder me comunicar com eles e dizer que eu estava maravilhosamente bem. Os pais estavam sofrendo.

Ele me afirmou que eu iria passar por todos os lugares conhecidos. E, quando ele colocava a mão na minha cabeça, eu enxergava a estrada. Enxerguei a nossa velha moradia lá no sítio, no Taboão, lá perto de Clemente Argolo.

Enxerguei os pinheiros. Enxerguei várias estradas por onde eu havia andado.

## **06 – EU ESTAVA NO CÉU?**

Parecia que eu estava no céu, numa felicidade fantástica. Aquele senhor me disse que eu não podia mandar dizer às pessoas da terra que eu era feliz, felicíssima.

Falou ainda: as pessoas na terra, quando acendem uma vela ou fazem uma oração pela alma de uma pessoa falecida, seria para ela como se tivesse ganho a loteria na terra. Era um dos maiores presentes para a família.

Ainda me disse mais: Olha, tendo bom coração, amando as pessoas, tendo paz no coração, as pessoas são felizes.

Eu perguntei a ele:

- O senhor acha que eu mereço estar aqui tão feliz, eu que, por vezes, fui pecadora, que ofendia pessoas?

Eu achava que não merecia aquela felicidade, porque, na realidade, eu havia magoado certas pessoas.

- Não - respondeu - aquilo você fazia sem maldade. Além disso, você está arrependida.

Tornei a perguntar quando eu iria ver a Deus.

Ele repetiu que eu não iria ver Deus, mas iria ver meus pais, meus amigos; que teria muitas alegrias, muito prazer em manter contato com eles, assim como eles iriam ter.

Perguntei: Como é que eu estou aqui? Precisei morrer para estar aqui? E como é que estou enxergando a lua como se fosse na terra?

Eu não via o sol. Via apenas aquela enorme claridade. Via a metade da lua, com uma estrela ao lado, conforme já ficou dito.

Aí ele me disse que ninguém foi habitar na lua. Fez ainda outras declarações.



## **07 - EU MORRI**

Eu já estava acostumada lá naquele lugar. Aquele senhor colocou de novo a mão em minha cabeça. E eu virei uma bola outra vez, a mesma bola anterior. E aquela criança transformou-se na bolinha.

E já veio aquela escuridão. Aquele ansiedade. Falta de ar. Senti uma dor muito forte no peito. Dores por todo o corpo.

Eu ouvia vozes. Eram os médicos, que diziam:

- Tirem de uma vez os aparelhos. Ela vai ser enterrada em Santa Catarina.

Eles, decerto, julgavam que eu era de Santa Catarina. Mas eu sou gaúcha de Lagoa Vermelha. Inclusive, antes de ser internada no hospital, deixei declarado por escrito que, se viesse a falecer, fosse enterrada no Rio Grande do Sul, vestida com traje que mandei fazer expressamente, envolta na bandeira do Rio Grande. O vestido ainda guardo. Eu gosto muito do meu Estado.

Acredito que o pai já estava preparando os documentos para o sepultamento.

E os médicos, ao redor da minha cama, falavam, dizendo, por exemplo:

- Ela já morreu. Já faz 45 minutos.

Outro dizia:

- Não, ela não morreu. Está respirando.

- Capaz? Tirem essas válvulas de uma vez.

Eu não sabia de válvulas. Não sabia de nada. Só pensava no Divino Espírito Santo: Meu Divino Espírito Santo, faça que não me enterrem viva.

Os médicos perguntavam:

- Como é o nome dela?

Não sei que médicos estavam lá. Era uma junta médica havia só um que teimava afirmando que eu estava viva.

Um dizia: Apure de uma vez. Tirem essas válvulas. Já faz, 45 minutos que ela morreu. Não adianta, ela está morta, vamos enterrá-la em Santa Catarina. E eu: Meu Deus do céu, além de me enterrarem viva, vão me enterrar em Santa Catarina em vez de no Rio Grande do Sul.

E aquele médico foi teimando, teimando, ao lado direito. Chacoalhava o meu braço, chacoalhava. A seguir, pegou no meu olho direito clareando com uma espécie de lâmpada, que me fazia arder.

Aí fizeram aquela gritaria: Olhem, ela está viva! Precisa botar no jornal. Onde se viu fazer uma coisa dessas?

Então saíram gritando para as enfermeiras: Traga a maca depressa. Traga de uma vez.

Eu escutava aquele barulho das rodas da carreta. Então agradei: Meu Divino Espírito Santo! Graças ao meu Divino Espírito Santo!

Colocaram-me na maca. Eu só escutava o barulho daquelas rodas de carreta. Durante algum tempo, fiquei em estado de coma. Eu me lembro que estava meio sentada na cama. Chorava. As enfermeiras perguntavam pelo meu nome. Perguntavam se eu tinha pai, mãe, irmãos. E eu não sabia. Eles me irritavam com tantas perguntas. Eu não me lembrava do meu nome. Dizia que era parecido com ervilha. Não me lembrei do nome dos meus pais, do meu irmão. Você tem irmãos? - perguntaram. - Diga o nome deles. E eu não me lembrei do nome de ninguém. Não sei como me ocorreu o nome de um amigo de muito tempo. Aí eu disse: - Eu sou irmã do Dr. Cleno. Era um advogado de Bom Jesus, grande amigo nosso. Fazia muito tempo que eu não via este amigo. Eu dizia, então: Meu Deus, tenho de voltar de novo. Só enxergava o cortinado

ao lado de mim. Fizeram-me transfusão de sangue. E foi indo, foi indo, com a maior dificuldade para tudo.

Quando foi um dia, o Pe. Ernesto, de Caxias do Sul, que trabalhava no Hospital das Clínicas lá em Curitiba, me disse: Filha, eu vou te contar uma coisa...

Daí voltou a minha percepção. Tinha boa audição. Ouvia tudo, tudo, mesmo quando falavam baixinho.

Ouvi falarem: Aqui não adianta. Não tem jeito. Ela não morre. Ela não vive.

A enfermeira D. Lourdes, da qual já se falou, dizia: Não adianta. Ela está morta. Ela tinha dó de mim. Desejava que eu morresse. A dor que sentia era de não aguentar. Aquelas transfusões de sangue. Aproveito até para agradecer ao meu irmão João Maria Osório, ao meu irmão de criação João Batista Camargo ao meu querido primo Batista, de Lages, que não tinha medo de nada. E tantas, tantas pessoas de Londrina, de Curitiba, de Lages. Chegavam a invadir o hospital arrebatando as janelas, mesmo quando as visitas eram proibidas. Não queriam saber se as visitas podiam ou não entrar. Queriam era me ver.

## **8 - A RECUPERAÇÃO**

Muitas pessoas rezaram pedindo a Deus a minha recuperação. Pessoas de Vacaria, de Lagoa Vermelha, de Passo Fundo, os amigos da gravadora de meus discos.

Estiveram ao meu lado: meu saudoso pai, já falecido há 10 anos; minha santa mãezinha Constância, falecida há um ano e meio. A todos agradeço e tenham a felicidade aqui na terra e depois no céu. A vida não é somente aqui. Aquele senhor lá no túnel me disse: Quando morre uma pessoa, nós lamentamos, mas precisamos saber que a pessoa não morreu.

O Pe. Ernesto, de Caxias do Sul, me disse: Eu lhe dei a Extrema-Unção. Pediu que lhe contasse o que aconteceu comigo naqueles 45 minutos em que me consideraram morta. Fui contando para ele, chorando.

A Ir. Vanda, uma Irmã de Caridade que trabalhava lá no hospital, prontificou-se a levar-me para sua casa, assim como a jovem Zenilda, que ajudava a me cuidar, a fim de que completasse o tratamento.

Acho que foi para mim uma grande escola, porque, depois disso tudo, continuo com mais disposição para viver e trabalhar.

Daí comecei a caminhar, com a graça de Deus. Demorei bastante. Eu tinha perdido o jeito de andar, o jeito de conversar. Só não perdi a memória. Mas demorei muito a caminhar, a falar.

Então, graças a Deus, saí do hospital. Voltei para casa. Estudei telejornalismo, comunicação social. Continuei a estudar mais música. Gravei mais discos. Gravei um LP com meu irmão. Como disse, estou lendo a Bíblia pela quarta vez.

Participo como aluna da escola de natação do professor Élio Zanette. E com sua esposa, D. Odete Zanette, participamos do Karatê, numa escola em Vacaria. Pois sou ligadona naquele esporte.

Faço trabalho jornalístico no periódico “Marca do Tempo” um jornal tradicionalista que fundei em 1994. Há 12 anos fundei o jornal “Tribuna do Rio Grande”, em plena atividade até a presente data, em 1996.

Percorro grande parte do Brasil, sempre a convite, cantando, tocando. Vilson Jorge Silveira de Oliveira está sempre me incentivando e colaborando comigo na divulgação de meus programas. Ele é quem coordena, dá conta da comercialização, da minha pequena empresa de divulgação. Coordena a parte publicitária do jornal “Marca do Tempo”. Faz contato com a gravadora Olimusic.

Destaco também a colaboração do meu amigo poeta Renato Silva, que fez a gravação para a composição deste livro, cuja redação está a cargo do professor Fidélis Dalcin Barbosa, que considero um dos maiores escritores do Rio Grande do Sul.

\* \* \*

Agora, voltando atrás, aquele senhor no túnel me disse que a mortalha que a pessoa veste para o sepultamento não é roupa que se usa naquele lugar. Aí eu me senti vestida com uma roupinha de que gostava muito, uma roupa de petipoá.

Ele me afirmou, ainda, que a vida não é somente aqui na terra. Lá no céu vamos nos encontrar todos na maior alegria. Disso eu fiquei ciente durante os 45 minutos em que estive morta.

Eu senti que temos um corpo celeste, porque me senti felicíssima, sem tristeza alguma, sem desânimo. Nós temos a vida eterna. A palavra de Cristo não passa. Passam o céu e a terra, mas a palavra de Deus não passa.

Neste livro, quero prestar minha homenagem de gratidão e carinho aos colegas da Rádio Clube de Lages. E, de modo especial, àqueles que

colaboraram doando sangue para salvar a minha vida. Nem sei como agradecer. Que Deus pague a todos.

Nunca imaginei que poderia encontrar-me naquela dramática situação; que precisasse comer por mão alheia; que precisasse de ajuda de ser conduzida como uma criança,

Eu sempre sonhava que estava tocando boiada, gineteando. Que estava tocando sanfona, cantando. Então eu acho que a providência de Deus e a colaboração de tanta gente fizeram que eu chegasse ao ponto em que estou, na mais perfeita saúde e no apogeu de minha carreira artística.

\* \* \*

Faço uma declaração de amor a todas as crianças do mundo. Eu quero dizer que amo todas as crianças. Tenho por elas um carinho todo especial. As crianças gostam de mim e eu gosto delas, começando por meus dois sobrinhos, até as demais crianças que nunca vi, que não conheço.

Quando faço minhas apresentações, as crianças pulam para cima do palco a fim de me abraçar. Eu me sinto muito feliz por isso.

Além das crianças, tenho muita afeição pela natureza, pelos animais, mesmo bichos bravios; convivo com as criaturas, com nossos irmãos irracionais, como fazia São Francisco de Assis.

A respeito da religião, sou batizada na Igreja Católica, filha de pais católicos. A minha maior preocupação é pelo cristianismo.

Eu gosto de entrar numa peça reservada de minha casa, a fim de prestar meu culto a Deus Pai, a Deus Filho, a Deus Espírito Santo, a Nossa Senhora, aos santos e às santas.

Lá coloco um véu longo na cabeça, consagro todos os dias, todas as horas, todos os momentos a Nosso Senhor. Converso com Deus, com os Santos e fico em contato com o universo.

\* \* \*

Por outro lado, quando saio de casa para viajar, eu não faço como algumas pessoas que deixam seus problemas em casa. Eu não deixo meus problemas em casa. Levo-os comigo e aceito as condições da vida e procuro resolvê-las.

Como dizem os grandes mestres, toda a desvantagem traz uma vantagem. E toda a vantagem traz uma desvantagem. Aceito a vida como ela é. Aceito o desafio dos problemas que surgem em nosso caminho a fim de resolvê-los. Tendo fé em Deus, tendo coragem, tendo obras, nada se toma difícil.

O professor Basílio Starepravo disse, e eu guardei bem na cabeça: o que a ciência ensina, que o poder da mente, o pensamento positivo, a fé em Deus, fazem o que o homem do túnel me disse, isto é, que o homem não morre quando deixa de respirar. O homem morre quando para de pensar, de lutar, de progredir.

Deixo aqui bem claro o meu modo de ser. Eu não sou nenhuma santa. Sou uma pessoa humana sujeita a errar, mas vou procurando acertar.

## **09 - CONSELHOS**

Faço uma mensagem a todos os pais, a todas as mães que porventura perderam seus filhos queridos, que tenham fé e esperança em Deus. Que chorem de saudade, mas não de preocupação. Tenham confiança de que eles estão bem, estão com Deus. Rezem por eles, que eles rezarão por vocês. O reencontro virá um dia. Passará o céu, passará a terra, mas a palavra de Deus não passará. Os pais não abandonem seus filhos, e estes não abandonem os pais, não rejeitem os pais na velhice. É muito triste um pai, uma mãe criar um filho com tanto carinho, com tanto sacrifício, com tanta dedicação e, por vezes, depois, quando velhos, serem abandonados.

Alguns filhos têm condições de ter seus pais em casa, no seu lar. Tenham paciência com as pessoas mais velhas. Não tenham vergonha se eles estiverem esclerosados, caducos, seja lá o que for. Aceitem o pai como pai, a mamãe como mãe.

Para glorificar a Deus, ofereçam um pouco mais de sacrifício, sacrifício vivo, porque carga alguma é mais pesada do que as forças que uma pessoa pode carregar.

Quanto aos adolescentes, que muitas vezes são ingênuos, eles precisam de diálogo, de conversa, a fim de evitar conflitos. Então, os pais conversem com eles. Conversando, a gente se entende. Procurem esclarecer as coisas sem agressividade, sem contrariar, sempre com serenidade.

Quero que não se repreendam os adolescentes com aspereza, mas com calma, com segurança, sempre demonstrando amor.

Procurem sempre evitar os maus tratos, agressões, não somente físicas, mas também morais. Prejudica muito o adolescente que é maltratado com palavras, não apenas fisicamente.



Se o adolescente ficar magoado, ofendido, poderá seguir outro caminho, que será talvez pior. Procurar entender os filhos, e estes entender os pais.

\* \* \*

Quanto aos viciados, quero que não sejam, por isso, discriminados. O dia em que o drogado se der conta do seu estado lamentável, ele irá acordar. Com paciência, com amor, a gente pode recuperar estas pessoas.

As pessoas portadoras de AIDS, não se desesperem. Nem tudo está terminado. Nada disso. As pessoas vão se tratando. Deus não desengana ninguém. Assim como eu, que estava desenganada e morta, os aidéticos devem confiar em Deus. Um dia, a graça e até o milagre virá, como aconteceu comigo, que fui envenenada e transplantada.

Embora os médicos desenganem uma pessoa, ela pode se recuperar para Deus nada é impossível! A cura pela mãe de Deus pode acontecer com qualquer pessoa, como aconteceu comigo, repito.

## **10 - EM CURITIBA OUTRA VEZ**

Quando meu pai, Fernandes Alves Osório, adoeceu para morrer, eu não me sentia em condições de vê-lo partir para a eternidade. Na minha família, de apenas quatro pessoas, não havia ainda falecido ninguém.

Nesta ocasião, pedi a Deus e aos Santos de minha devoção que me ajudassem, que eu não queria ver meu maravilhoso pai morto dentro de um caixão. Pensei: Mas como? Só que eu morra para não ver meu pai morrer.

Acompanhava-o todos os dias à sua cabeceira rezando, confortando-o, ao lado dos médicos, no Hospital Nossa Senhora da Oliveira, aqui em Vacaria. Naquele tempo, eu ainda tocava com meu irmão João Maria, formando o conjunto “Irmãos Osório”. Havíamos programado tocar num baile no Paraná, a uns 80 quilômetros de Curitiba. Então meu pai disse: Vai, Olívia, vai lá tocar com o João Maria.

Eu fui. Mas quando sai de Vacaria, meu estado de nervos piorou. Aquela impressão, a imagem do meu pai doente, cuja mão beijei ao despedir-me, deixou-me imprestável.

Assim mesmo, acompanhei meu irmão e fui tocando, abaixo de dores. Fortes convulsões no meu intestino. Parecia que minhas tripas estivessem brigando dentro da barriga. Eu estava mal, muito mal. Estava arrasada a ponto de achar que iria morrer.

Quando faltava uma hora para o fim do baile, comuniquei que não aguentava mais. Meu irmão avisou o presidente da sociedade, comunicando a minha lamentável situação e que deveríamos suspender o baile, deixando para outra oportunidade.

Vimos embora para Vacaria. Não foi possível chegar em casa. Paramos em Lages, onde fui internada na UTI do hospital. Entretanto, visto



como meu estado piorava, sempre mais, fui levada numa ambulância rumo a Curitiba. Numa altura do caminho, o Ilson me molhava os lábios com água, que levava numa garrafinha.

Quando a dor se tomou insuportável, escutei uma voz falando ao meu ouvido: Não é nada, não é nada. Você só vai dar um passeio. Você está bem. Pode tomar água a vontade.

Tomei o resto da água da garrafinha. Mandaram parar a ambulância. E, ó prodígio! Naquele instante comecei a melhorar. Parou aquela dor terrível nos intestinos. A pressão voltou ao normal. Saímos da ambulância, paramos no asfalto, dando graças a Deus por eu estar assim tão bem. Foi um autêntico milagre. Após cinco dias de dores incríveis, eu me encontrava na mais perfeita saúde.

Chegando a Curitiba, internei-me no Hospital das Clínicas, onde, em poucos dias, fui considerada completamente sã, sendo logo liberada para retornar a Vacaria.

Ao chegar a Vacaria, fiquei sabendo que o que eu havia pedido a Deus acontecera. Eu não queria ver meu pai morto. Ele deixou esta vida no dia 20 de outubro de 1986.

## **11 - GAITEIRO PALA BRANCO**

Durante visita demorada ao cemitério, acendi velas, depusitei flores sobre a sepultura do pai. Chorei, rezei e prometi prestar uma homenagem ao bravo herói que me deu a vida e do qual herdei a vocação de cantora e sanfoneira.

Então, em sua homenagem, compus uma música, procurando exaltar a figura humilde do meu pai, que era trabalhador e, ao mesmo tempo, um artista, um grande sanfoneiro tradicionalista. Eis a letra desta música.

Onde está aquele gaitero  
que tantos bailes tocou?  
E depois deixou sua gaita,  
sanfona que tanto amou.

Eu devo a ele esta vida,  
se hoje sou o que sou;  
eu devo a ele esta vida,  
se hoje sou o que sou.

Me vem saudosa lembrança  
dos bailes do meu rincão,  
a gaita choramingando  
ao clarão do lampião.

A morena mais bonita  
machucava o coração;  
a morena mais bonita  
machucava o coração.

A vida é assim, companheiro,  
o tempo passa e se vai,



gaiteiro - pala branco  
não voltará nunca mais,

a tocar nos bailes do rancho,  
velho gaiteiro meu pai;  
a tocar nos bailes do rancho  
velho gaiteiro meu pai.

Sigo o mesmo caminho,  
levo esta vida cantando,  
vou visitar sua morada  
pra chorar de vez em quando.

Seu pala branco de seda  
vai andar por onde eu ando;  
seu pala branco vai andar  
por onde eu ando.

## **12 - O PIOR MÉDICO DO MUNDO**

O Dr. Dirceu Trevisan, médico especialista aqui em Vacaria, declarou-me um dia esta frase espantosa: Você, Olívia, é o pior médico do mundo...

Foi o seguinte. Fazia dois anos que me encontrava completamente restabelecida, no gozo da mais perfeita saúde. Trabalhava sem parar, percorrendo vários Estados, a cantar, a tocar. Em São Paulo gravava meus discos, exercia atividade jornalística, atividades sociais e religiosas.

De repente, uma desagradável surpresa. Apareceram quatro caroços ao redor da cicatriz da última cirurgia. Quatro enormes caroços que provocavam dores incríveis e me impediam de trabalhar. Faz agora oito anos. Consultei os médicos, Dr. Dirceu Trevisan e Dr. Ronaldo Cunha Dias. Examinaram minha barriga e acharam que podia ter quatro tumores.

Apesar disso, fui lutando, lutando, cantando, tocando. Mas, de repente, não podia mais ficar de pé, Fui ter com o Dr. Cásper de Quadros. Ele já estava saindo de férias para a Bahia, devendo permanecer ausente por trinta dias. Os outros médicos estavam também quase todos de férias.

O Dr. Quadros me disse: Você precisa ser operada quanto antes. E eu vou sair de madrugada. Se você ficar muito mal, venha se hospitalizar. Vou lhe dar uns comprimidos antibióticos.

Cheguei em casa com dores incríveis. Eu estava com um trabalho jornalístico para concluir. Havia entrevistado algumas pessoas e estava preparando a matéria para o meu Jornal "Tribuna do Rio Grande".

Ao mesmo tempo, chegou convite para tocar numa festa no ginásio dos Bombeiros. Respondi que não podia ir, nem podia caminhar.



Eu disse comigo: Eu vou me operar, sem contar a ninguém. Fui lá fora, peguei uma faca. Achei uma madeira, um pedaço de costaneira, e fiz uma faca de madeira.

No meu quarto, sozinha, cobertor no chão sobre o carpete, toalha de banho. Tudo preparado. Levei aquela faca, na barriga, no lado direito. Cravei uns cinco centímetros e puxei.

Principiou a sair sangue, muito sangue, mais ou menos um litro, que ensopou a toalha de banho. Quando parou de sair sangue, fiz o curativo. Lavei com água oxigenada, coloquei gaze, esparadrapo, passei mercúrio.

A seguir fui ao escritório avisar que eu tinha me operado. Mostrei a faca. O meu colega jornalista se apavorou... Fiquei deitada algum pouco, porque me doía. Mas, graças a Deus, fiquei curada. Foi outra grande graça, diria quase outro milagre.

Depois, participei aos médicos. Foi aí que o Dr. Dirceu Trevisan declarou que eu era o pior médico do mundo!...

Nunca mais aconteceu nada com minha saúde, que me permite exercer minha profissão de maneira admirável, sem problema algum. Louvado seja Deus!

## **13 - EM PROL DE MENINOS DE RUA**

Na época em que eu e meu irmão João Maria trabalhávamos na cidade catarinense de Lages, efetuei um trabalho de recuperação de uma turma de meninos de rua. Uma terrível turminha de 13 menores delinquentes que viviam provocando toda sorte de desaforos a população, causando indignação geral.

Eram nove rapazes e quatro meninas entre oito e catorze anos. Todos morenos, mulatinhos, pertencentes a várias famílias, mas que formavam uma pequena sociedade, andando sempre juntos de dia e de noite.

Eles já me conheciam em função de meu trabalho popular de cantora e sanfoneira, nas estações de rádio e em salões de festas.

Voltando uma madrugada de um baile, ao entrar numa pastelaria do centro, defrontei-me com a turminha, que gritava meu nome: Olívia! Olívia!

Conversei com eles, aproveitando o momento para convidá-los a irem à minha casa no dia seguinte. Eu morava numa casa que dispunha de uma grande garagem, transformada numa vasta cozinha, com fogão, mesas e bancos. Uma moça de nome Denilda preparava a comida num papelão.

As crianças foram lá de manhã e tomaram café. Eu falei: Ao meio-dia, vocês voltem aqui para almoçar e de tarde para jantar, antes de voltarem para seus lares.

Mas vocês - acrescentei - devem aprender a rezar, a respeitar os outros, parar de brigar, parar de roubar nas casas, parar de atirar pedras nos vidros e telhados. Parar de brigar uns com os outros. Enfim, parar com essa bagunça que vocês andam fazendo na cidade, provocando indignação e reclamações. E, principalmente, vocês vão aprender a



trabalhar. Eu vou falar com algumas famílias pedindo que deem a vocês algum serviço, como limpar lotes, lavar casas...

Eles vestiam molambos sujos e malcheirosos. Eu vou dar a vocês - falei - umas roupinhas que tenho, vou fazer uns trajes para vocês andarem bem vestidos. O Jorge, o mais velho, andava quase nu. Dei-lhe uma saia, que ele logo vestiu, faceiro, e começou a sambar diante de mim.

Agora, todos os dias, eles chegavam na hora das refeições. Alimentavam-se bem, andavam bem vestidos, ficando muito contentes comigo. Me obedeciam e faziam o que eu indicava, como capinar os lotes das casas.

\* \* \*

Um dia, chegou a cidade um circo, trazendo um ônibus com bichos: cobras e animais do Amazonas. O ônibus parou perto da nossa casa. O dono falou comigo e ficou sabendo e admirando o meu trabalho em favor daqueles menores.

De tarde, voltando do centro comercial, ele chegou trazendo uma grande panela, que me deu de presente. Então, agora, com duas grandes panelas, a cozinheira podia preparar boas refeições, orientada e auxiliada por mim.

O cardápio melhorou. Um dia, fazíamos feijão com arroz. Um guisado. No outro dia, um carreteiro. Galinha com arroz...

Eu ignorava completamente a origem destas crianças, Não sabia de quem eram filhos. Aprendi logo o nome de todos, a começar pelo mais velho dos rapazes. A menina mais velha chamava-se Maria, não lembro mais de que.

As crianças, apresentadas por mim as famílias da redondeza, trabalhavam, ganhando sempre um dinheirinho, que vinham entregar a mim. Não - respondia eu - esse dinheiro é de vocês. Levem para vossas casas, para comprar pão, leite...



Quando eu chegava dos bailes, eles lá estavam me esperando diante da pastelaria, onde eu costumava entrar. Ai eu convidava que entrassem. E pedia ao dono do bar que desse pasteis a todos. Pasteis bons, grandes.

\* \* \*

O tempo foi passando, até que, volvidos uns dois anos, fui surpreendida por aquele lastimável incidente do envenenamento. Lá mesmo, em Lages, fui submetida a uma cirurgia precipitada no hospital do bairro Coral, sem obter melhora alguma. Fui, Então, transportada de ambulância para Curitiba, acompanhada de meu pai e da Zelinda.

Após vários anos, retornei a Lages, mas não vi mais aquelas crianças. Mais tarde, encontrava-me na Estação Rodoviária de Curitiba, pronta para embarcar rumo a Vacaria. Não cheguei a tempo de tomar o ônibus, devendo aguardar o outro durante umas duas horas.

De repente, vejo três rapazes que me olhavam atentamente. Rodearam-me. Pensei: quem serão estes rapazes tão bem vestidos que me observam?

Um deles veio perto de mim e perguntou:

- Você não toca e canta?

- Sim - respondi.

- Você não é a Olívia?

- Sou.

- Ah, é aquela nossa querida mãe lá de Lages. Olhe, Olívia, quando você saiu, nos ficamos muito tristes e até, choramos. Todo mundo dizia que você tinha saído muito mal. Pensávamos até que você tivesse morrido. Como você nos serviu, D. Olívia! A senhora nos tirou daquela vida miserável de marginais. Agora estamos morando todos aqui em Curitiba. Todos com um bom emprego.



Eu - falou um deles - sou o Jorge. Casei. Os outros também casaram. Estamos bem. Nossa mãe está com a gente, morando numa casinha que construímos. Eu trabalho numa empresa de construção. Nas horas vagas vendo chocolates.

Um deles puxou do bolso um punhado de dinheiro, declarando:

- D. Olívia, este dinheiro é seu. A senhora vai levar.

É apenas uma forma de compensar o grande bem que nos prestou.

- Não - respondi. - Não quero esse dinheiro. Por amor de Deus. Muito obrigado.

- Bom - insistiram - então venha com a gente.

Aí me levaram a uma boutique, compraram colares e anéis, dizendo:

- Você deve levar de lembrança.

Ainda guardo com carinho aqueles presentes.

Despedi-me deles com um forte abraço, derramando lágrimas de emoção. Dou graças a Deus por ter podido ao longo de minha vida prestar aquela obra de caridade.



## **14 - PRIMEIRA DAMA DO PAÍS**

Durante os oito anos em que eu e o meu irmão João Maria moramos e Lages, teve lugar um fato importante que merece registro.

Foi durante a tradicional Festa do Pinhão, que todos os anos se realiza com brilhantismo e enorme concorrência.

A Festa do Pinhão da cidade catarinense de Lages, desde a sua inauguração, criou fama, sobretudo das vizinhas cidades do Estado e de Vacaria.

Neste acontecimento, há sempre uma vasta programação de apresentações populares de cunho gauchesco.

A Festa do Pinhão de Lages possui características semelhantes à Festa da Uva de Caxias do Sul, para a qual, por mais de uma vez, compareceu o próprio Presidente da República.

Na Festa do Pinhão de Lages não foi diferente. Foi convidado o então presidente da República Marechal Artur da Costa e Silva, que se hospedou, com a esposa e comitiva no Lages Hotel.

Naquele ano, o nosso conjunto Irmãos Osorio foi convidado a colaborar tocando e cantando.

Montamos um rancho de fogo de chão, construído de costaneiras num dos lugares centrais da cidade, na praça, onde estavam instaladas, entre outras organizações sociais, a Estação da Rádio Clube de Lages e Rádio Difusora.

\* \* \*

Com a maior surpresa e enorme alegria, o nosso rancho recebeu comunicação de que teria a honra da visita da primeira dama do País, D. Iolanda da Costa e Silva, que desejava ouvir a nossa música.

A honra de receber em nosso rancho a Primeira Dama do Brasil era de molde a causar inveja e ciúme dos demais ranchos.

As ruas por onde D. Iolanda deveria passar rumo ao nosso rancho foram enfeitadas de bandeirinhas. E, ao longo do trajeto a ser percorrido, postavam-se homens, mulheres, jovens e crianças, vestidos a gaúcha, destacando-se as jovens prendas com seus amplos vestidos de várias cores.

Era lá pelas dez horas da manhã, de um lindo dia. Dona Iolanda ia acompanhada por outra dama da comitiva presidencial, havendo dispensado qualquer tipo de segurança.

Enquanto foguetes espocavam no céu, a multidão delirava com vivas e aplausos, que D. Iolanda agradecia com gestos e sorrisos.

Ao chegar perto do nosso rancho, um rapazinho, filho do Sr. Paim, homenageou D. Iolanda com a recitação de uma poesia regionalista. Olívia fez a entrega de um buque de flores a D. Iolanda, como se pode observar em foto publicada neste livro.

A seguir, D. Iolanda entrou no rancho, recebida com calorosos aplausos nossos, do Jorge, sapateador de chula, da prenda Elaine e outras.

Então, eu, trajando um flamante vestido de prenda, e o João Maria, bem pilchado de gaúcho, abrimos nossas sanfonas e apresentamos uma das nossas músicas mais apreciadas, sob os aplausos da Primeira Dama.

D. Iolanda com a acompanhante ficou ali em nosso rancho durante algum tempo, conversando, comendo Pinhão, tomando chimarrão, fazendo comentários elogiosos ao nosso conjunto e aos organizadores da Festa do Pinhão.

Antes de se despedir, pediu D. Iolanda que tocássemos mais outra música, aumentando, assim, nossa satisfação, o nosso orgulho.

Foi um dos momentos culminantes de glória de nossa carreira artística. Momento histórico inesquecível, que marcou profundamente nossa vida, trazendo sempre maior entusiasmo para correr o Brasil tocando e cantando, cantando e tocando, a alegrar multidões.



## **15 - PARQUE TUPÃ**

Eu e meu irmão João Maria, formando o conjunto musical “Irmãos Osório”, durante cerca de oito anos participamos, cantando e tocando, num grande circo que percorria o Brasil de Sul a Norte, o Circo Imperial.

Na ocasião, um dos membros de destaque deste circo era o Sr. Hugo Meyer, que acabou tornando-se grande amigo nosso, atualmente proprietário de um dos mais afamados parques de diversões do Brasil - o Parque Tupã. Convidada, acompanho atualmente (1996) o Sr. Hugo, cantando e tocando nesse Parque.

O Sr. Hugo Meyer possui uma história interessante. De humilde trabalhador da roça, transformou-se, como por magia, num dos mais estimados artistas do País.

Filho de humildes agricultores do interior do Estado do Paraná, Hugo auxiliava a família lidando com o arado, serviço que não se quadrava com sua índole, com seu espírito de liberdade e ambição de triunfar na vida. Fazia aquele trabalho com raiva, destratava os bois. Vai, desgraçado! Vem, Caipora!

Pois um dia, o arado, ao arrancar uma grossa raiz de árvore, perdeu uma lâmina, que se projetou sobre um dos bois, atorando-lhe o pescoço. O pai exclamou então:

- Hugo, você não nasceu para trabalhar na roça. Largue do arado, saia em busca de outro serviço na cidade.

O rapaz deu graças a Deus, por ver-se livre, a caminho, quem sabe, duma carreira triunfal. Foi o que aconteceu

Visitando uma cidadezinha do seu Estado, foi um dia assistir a uma apresentação de um circo. Um circo de renome que percorria o Brasil de ponta a ponta. O nome do circo era Imperial.



Teve sorte. Foi logo convidado a trabalhar naquele circo, a princípio como simples funcionário e, depois, como um dos apresentadores.

Eram seus colegas naquele circo, além dos Irmãos Osório, os Irmãos da Estrada, a saber: Pedro Bento, Zé da Estrada, Celito e Ramon Perez. O Joel, que tinha o apelido, de Pinduca, o palhaço principal. O Sérgio era o malabarista.

\* \* \*

Um dia, este circo acabou por encerrar suas atividades. Hugo, com a experiência adquirida, tratou de fundar algo parecido com um circo. Detentor de criatividade e de grande força de vontade, montou um parque, que recebeu o nome de “Parque Tupã”, no qual faço minhas apresentações, em quase todas as praças do Brasil.

Trata-se, atualmente, de um dos mais famosos parques de diversões que percorrem o Brasil, dispondo do mais sofisticado conjunto de brinquedos.

Em todas as cidades ele dedica um dia para as crianças carentes, que se divertem sem pagar ingresso, sempre com atencioso atendimento da esposa do Sr. Hugo e de sua filha Geruza, que nasceu dentro do Parque.

Eu, por minha vez, sinto-me orgulhosa em poder apresentar show com minha sanfona e minha voz.

## **16 - NA ACADEMIA CORPO LIVRE**

O emérito professor Tito honrou-me sobremaneira ao convidar-me para entrar na Academia Corpo Livre de Taekwondo. Para quem, como eu que já participa de outras escolas semelhantes, como a de Natação e Karatê, esta academia me presta notável serviço na manutenção da forma física do organismo.

No início de cada aula, o professor Tito exige que todos os alunos prometam falar em voz alta conjuntamente e observar fielmente estas regras:

- 1) observar as regras do Taekwondo;
- 2) respeitar o instrutor e os superiores;
- 3) nunca fazer mau uso do Taekwondo;
- 4) construir um mundo mais pacífico;
- 5) ser campeão da liberdade e da justiça.

No final de cada aula, todos os alunos deverão dizer em voz alta o espírito do Taekwondo, a saber: cortesia, integridade, perseverança, autocontrole e espírito indomável.

\* \* \*

### **ESCOLA DE MERGULHO AUTONOMO SUL MARE**

Para complemento de exercícios físicos, já entrei em contato com o professor Carlos Antônio Balem, no sentido de poder eu também participar dos mergulhos profissionais em alto mar.

Faz cerca de vinte anos que o professor Balem ministra aulas de mergulho profissional. Aguardo, pois, com ansiedade, o momento de satisfazer o sonho que alimento, como amante que sou de todos os esportes e exercícios físicos.

\* \* \*

Além de percorrer o meu País cantando e tocando, tenho agora a imensa satisfação de participar que acabo de receber o honroso convite para me apresentar em outro país, mais precisamente em Miami, capital da Flórida, nos Estados Unidos.

Convites assim especiais os recebo seguidamente, como o professor Fidelis viu e escreveu neste livro.

## **17 - SANGUE INDÍGENA**

Trago nas veias sangue de várias raças portuguesa, espanhola, alemã, cigana e indígena.

Fiquei sabendo que houve época em que certas pessoas, para tomar as terras dos índios, soltaram balas e doces de avião no objetivo de matar os indígenas.

Então eu compus letra e música de uma canção com o título de “Pitanga”, que em língua tupi significa criança.

Eis a letra na língua tupi e sua tradução:

*AMBAÉAIBA* (veneno)

*Membi Unhengar  
Pitanga eçal  
Ni-ig, Ni-ibi  
Ni curumim  
Ni cunhantaim*

A gaita tocando,  
criança chorando.  
Nem água nem terra,  
nem guri nem meninas,  
por que o veneno mata;  
meu Deus Nossa Senhora.  
Homens e mulheres,  
por causa da ganância  
por tirar as terras.

*Ambaéaiba caátiba  
Tupa Tupanci  
Abá idem cunhã*



*Quité ucica ibi.*

Meu Deus, onde fica aquela morada?  
Meu Deus, Nossa Senhora,  
o veneno mata homens e mulheres,  
tudo por um pouquinho de terra.  
\* \* \*

Compus também letra e música em língua caingangue, a saber:

*MECHAREIN* (sofrimento)

*Icangá icocinri éémin* (dor e fome pela estrada)  
*Índio na iamó*  
(índio na cidade)

*Chotinrondá eépã, fangue, i cri.*  
(Adeus, até a volta à roça, pinhão e balaio)

*Índio da gá tenm incocinri na iamó*  
(homem da terra passa fome na cidade)

*Inhancó tupé pain i tupéin, ca cafeei*  
*No mecharein da teton moquinratain.*  
(Isto quer dizer que de porta em porta,  
mas Deus e a igreja das flores;  
no sofrimento da moça sanfoneira)

## **18 - BAQUERIA DEL MINUANO**

(Letra e música de Olívia Osório)

*Buenas, amigos, venido temprano*  
(vieram antecipados ou mais cedo)  
*Quedar la Baqueria del nuestro Minuano*  
(ficar, permanecer na Vacaria)  
*El patrón del Rodeo, el hombre mui bueno*  
(O patrão do Rodeio é muito bom)  
*Hablo muchas gracias, queridos Hermanos*  
(falou muito obrigado, queridos irmãos)

\*\*\*\*\*

*Vosotros mirais, tiene boyal y caballo*  
(vocês olhem, tem bovino e cavalo)  
*Churrasco y habichuela, muchachos me gustan*  
(churrasco e feijão, moços me gostam)  
*El Rodeo una escuela, del panhuélo en él cuélo*  
(O Rodeio é uma escola, de lenço no pescoço)  
*Chaleco el sombrero*  
(Jaqueta e chapéu)  
*Las hermosas doncellas*  
(as formosas donzelas)

\*\*\*\*\*

*Los Hermanos que tengo*  
(os irmãos que tenho)  
*Em la Argentina y Uruguay*  
*Sintan calentar los hermanos porteños*  
(sintam esquentar os irmãos da divisa portuguesa)  
*Y vengan los brazos, del pueblo gaucho,*  
*Probar la amistad de los brasileños*  
(e venham nos braços do povo gaúcho, provar a amizade dos brasileiros)

*Los hermanos que yo tengo, del pampa oriundo*  
(os irmãos que eu tenho, do pampa procedentes)



*Muchachos con garra, fuerte sortudo*

(moços com garra forte e sortudo)

*Nuestra integración, fuera mucho notable*

(nossa integração foi muito importante)

*Lo pelo del macho, los mejores del mundo*

(no pelo do macho, que quer dizer “pingo”, são os melhores do mundo)



## **19 - AGRICULTOR SEM TERRA**

A pedido de uma pessoa da roça, compus letra e música sobre aquele agricultor que veio para a cidade. Como não possuía habilitação para enfrentar a vida no ambiente urbano, acabou ficando sem teto, sem emprego e sem amigos.

Eis a letra.

Venho daquele povo que ficou esquecido  
do lado de lá, agricultor sofrido,  
sem terra, sem comida e sem casa pra morar

Eu sou aquele colono  
que fez muita plantação,  
virou terra, puxou carga,  
foi carreteiro do patrão.

Acabada a mocidade,  
me mandaram pra cidade.  
Hoje, velho abandonado  
sem nenhum palmo de chão. (Bis)

A terra e fruto de Deus,  
nos cria e nos consome;  
eu li na Bíblia Sagrada  
devemos honrar seu nome.

Pois prejudica o cristão  
o que sai da boca do homem,  
mas pra ajudar meu patrão,  
lá na roça passei fome.

A produção e o progresso  
no Brasil de Sul a norte;





de que valeu meu suor,  
tombado em busca da sorte?

Se planta um pé de feijão,  
mas é ameaçado de morte,  
não existe compaixão  
quando o poder é mais forte.

Acaba toda a maldade  
no dia em que a vida encerra,  
apaga também a magoa  
no coração de quem erra.

Dentro dum caixão escuro,  
chegando o final da guerra,  
cada cristão se transforma  
num punhadinho de terra.

## 20 - AVE-MARIA DAS MÃES

Coisa interessante! Antes de ficar doente, sonhei que meus pais estavam numa guerra, lutando contra uma força muito grande. E dois aviões estavam peleando para me salvar.

Tendo sonhos destes, ocorreu-me a ideia de fazer um poema, um poema para uma pessoa muito especial - minha mãe. Fiz o poema quando estava bem sã de saúde.

Sonhei que estava tocando num baile, junto de minha mãe. Coincidiu que era o dia das mães. Então, fiz o poema, com o título de “Ave-Maria das Mães”.

Escrevi a letra, compus a música e gravei. Eis a poesia.

Mãezinha, sonhei contigo;  
te guardo no meu coração.  
Cresci, passei minha infância,  
mas serei sempre criança  
para pedir-lhe a benção.  
Até o velho pé de roseira  
Que tinha sobre a janela,  
gostei de ficar junto dela  
no costado do portão  
esperando minha chegada.  
Oh, minha mãe, minha amada,  
eu quero ficar nesta hora  
bem juntinho da senhora,  
sentar-me bem ao teu lado  
pra viver meu passado.  
Fazer uma prece de joelhos,  
escutar bem teus conselhos  
e incentivar teus trabalhos,  
ver teus cabelos grisalhos.



Estar junto de ti, minha rainha,  
pra tratar-te com todo o zelo,  
passar a mão no cabelo  
de minha santa mãezinha.  
Todos os dias cedinho  
quando a gente se levanta,  
ó minha mãezinha, minha santa,  
como faz falta um carinho.

Por mais distante que seja,  
as faces que a gente beija  
com amor e com pureza,  
seu olhar docemente;

Parece que eu vejo  
a mamãe tão contente  
na cabeceira da mesa.

Eu queria que essas minhas rimas  
chegassem aí nesta hora  
para abraçar a senhora,  
e que meus versos falassem,  
pra beijar as suas faces  
e levar notícias minhas.

Ó minha santa mãezinha,  
sem esquecer-te um segundo  
em homenagem ao teu dia  
eu farei uma Ave-Maria  
para todas as mães deste mundo.



## **21 - SISTEMA CIGANO**

Nas veias de minha mãe corria sangue cigano. Eu não sei ao certo, mas acredito que, em parte, o meu espírito aventureiro, de andar correndo mundo, encontre explicação na minha origem étnica.

Dos ciganos, minha mãe herdou costume patriarcal, hoje considerado puritano. Em termos de namoro, era de um rigor extremo. Eu, durante os bailes, não podia sentar perto de um rapaz ou manter liberdade com ele. Beijar-se, então seria uma profanação.

Aparecendo interessado em casamento e surgindo namoro, a filha só poderia casar com o primeiro namorado.

Rigor no trajar. Saia comprida. Recato no andar ou montar a cavalo, nunca deixando aparecer as pernas acima do joelho.

Exigente era minha mãe na prática da religião. Fazíamos nossas orações em comum, de manhã, antes das refeições, à noite antes de deitar.

Quando tratei de casar com o Ison, eu estava bem amadurecida. O João Maria casou-se antes, com a Andrezinha. O filho João Fernando Antunes Osório está (em 1966) com 14 anos. Como sabemos, e músico, cantor e dançador de CTG. A filha, Fernanda Aparecida Antunes Osório tem sete anos; dança e faz parte do CTG. Ambos estes queridos sobrinhos são meus afilhados.

\* \* \*

O conjunto “Irmãos Osório” não existe mais. Eu e meu Irmão não tocamos mais juntos há oito anos. Um dia, de comum acordo, resolvemos separar-nos, formando cada qual o seu conjunto. Trabalhar separadamente, independente um do outro, com a maior liberdade. Cada qual seguindo o seu caminho.

O João Maria toca, em geral, nos fandangos. Ao passo que eu prefiro dar show, embora cante e toque também em bailes.

Estamos bem contentes, cada qual com seu conjunto. Gozamos da maior liberdade para atuar em qualquer cidade, em qualquer Estado.

Herdamos do nosso velho pai a arte de tocar e cantar. Queremos que esta herança honrosa perdure por muito tempo.

## **22 - VALENTINO LAZZERI**

Vacaria orgulha-se de possuir um dos maiores produtores e exportadores de flores e de maçãs do Brasil. Trata-se do dinâmico e simpático empresário Valentino Lazzeri, Pessoa admirável que se destaca não apenas por sua invejável posição econômica, mas ainda por sua simpatia e espírito comunitário.

Logo que o Sr. Valentino teve conhecimento de que eu estava para lançar um livro, narrando minha vida de artista e de participação nas obras sociais e religiosas, disse-me pelo telefone:

- D. Olívia, meus parabéns pela feliz ideia de escrever um livro, pelo qual todos poderão avaliar a epopeia grandiosa da acordeonista gaúcha, divulgando pelo Brasil a nossa música. Eu, D. Olívia, quero ser um grande divulgador desse seu livro. Com imenso prazer e orgulho, quero colaborar nessa bela campanha de dar a conhecer ao Brasil os valores artísticos de nossa terra.

Desta maneira, o Sr. Valentino, por seu maravilhoso apoio, associa-se as autoridades, aos meios de divulgação e ao povo vacariano em geral, no apoio que a ideia do livro vem provocando e pelo qual sou imensamente agradecida.

## **23 - AGRADECIMENTO**

Antes de encerrar estas páginas, devo prestar a mais carinhosa homenagem de profunda gratidão, do mais sincero agradecimento, a todas as pessoas que tanto me auxiliaram com seu apoio, com suas orações, com visitas e muitas outras formas de amor e carinho.

Um agradecimento especial aos médicos e enfermeiras do Hospital das Clínicas da Universidade Federal do Paraná. Aos médicos do Hospital Nossa Senhora da Oliveira, de Vacaria, especialmente ao Dr. Dirceu Trevisan e ao Dr. Ronaldo Cunha Dias, os quais fizeram nos meus intestinos uma incrível cirurgia.

Um agradecimento cordial ao Capelão Militar Frei Mario Barp, que, além de ministrar-me o sacramento da Extrema-Unção, me acompanhou espiritualmente com preces e palavras de encorajamento.

Agradecimento ao povo de Vacaria, de Esmeralda, de Lages, de muitas cidades dos Estados do Sul e também do Mato Grosso e Minas Gerais.

Gratidão aos contabilistas do jornal “Marca do Tempo”. O contabilista Osvaldo Alves Mota, que mantém uma coluna tradicionalista e é responsável pela contabilidade. Agradecimento às demais colaboradoras da contabilidade, Mírian Monteiro Pires e Benta Antunes...

## **24 - MINHA MÃE**

Quero concluir estas páginas, prestando uma homenagem toda especial, muito carinhosa, profunda, a uma pessoa a quem devo minha vida - minha mãe - para a qual compus aquele poema “Ave-Maria das Mães”.

Eu fiz aquela poesia para minha querida e santa mãezinha, e Deus me deu a graça de prestar um sacrifício enorme ao Senhor, que agora vou contar.

Minha santa mãezinha estava passando muito mal. Meu irmão, o João Maria, sua esposa, o filho Fernando, de 14 anos, a garotinha de sete, e meu esposo Ilson, ajudavam a cuidar de minha mãe.

Depois que eles se retiraram, eu fiquei sozinha com minha mãe. Fiquei lá rezando ao lado dela, conversando, agradando.

Lá por meia-noite do dia sete de dezembro de 1994, abri a Bíblia. A primeira palavra que li foi esta: dentro de poucos instantes, estará deixando seu corpo de carne...

Acreditei, Então, que Deus, através das palavras do Livro Sagrado, estava dando-me um aviso. E não saí de perto dela. Fiquei aí, conversando, dando água, rezando.

A seguir perguntei:

- Mama, a senhora gosta de mim?
- Demais, minha filha!

Esta frase, saída da boca de minha santa mãezinha, me cortou o coração. Todavia, não acreditei mesmo que seria aquele o momento em que eu iria perder minha santa mãezinha.

Quando faltavam quinze minutos para uma hora da madrugada, ela olhou para mim com olhar triste. E principiou a respirar rapidamente.



Acendi uma vela e pedi a Deus que me desse coragem de ver minha mãezinha partir. Vai ser dolorosíssimo para mim - pensei.

A mãezinha foi acelerando o fôlego. Derramou uma lágrima e deu um suspiro. Então, coloquei a vela na mãozinha dela, que estava gelada, assim como estava gelado seu bracinho.

Ela deu um segundo suspiro, me olhou, derramou uma lágrima e fechou os olhos. Ajoelhei, rezei um Pai Nosso, pedindo a Deus que recebesse o espírito de minha santa mãezinha.

Chamei meus irmãos... Foi a hora mais triste de toda a minha vida!

Ela partia para receber a recompensa de 86 anos de trabalho, de sacrifícios, de preces, de abnegação, em favor de seus filhos e de tanta gente, a quem andou, ao longo de tantos anos, distribuindo amor.

Mãezinha querida, muito obrigada!



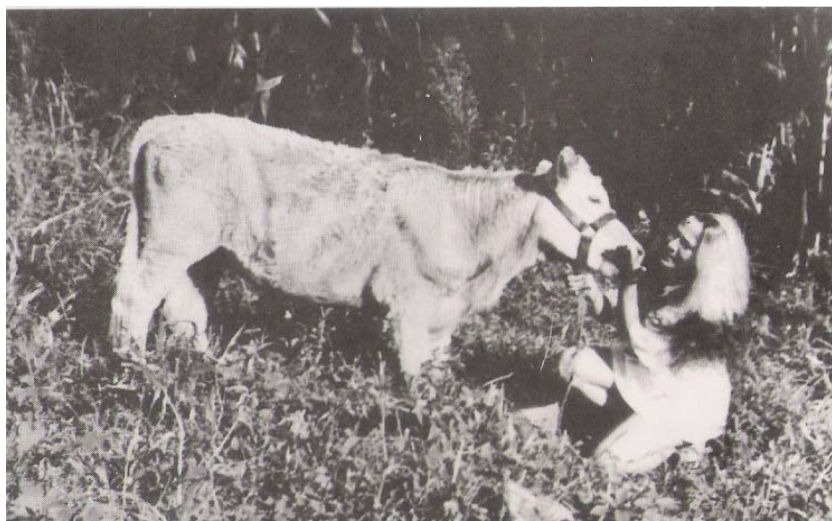
**Figura 1 - Olívia Osório e seu sobrinho Fernandinho numa pescaria.**



**Figura 2 - Olívia Osório antes de ser envenenada.**



**Figura 3 - Olívia Osório festejando os seis anos do sobrinho Ferandinho no CTG Sentinela da Querência.**



**Figura 4 - Olívia Osório, com os cabelos coloridos, recebendo um beijo de uma vaca mansinha.**



**Figura 5 - Olívia Osório no Parque de Rodeios, Vacaria.**



**Figura 6 - Olívia Osório carreteando com Andrezinha.**



**Figura 7 - Vacaria, no CTG porteira do Rio Grande, locutor da Rádio S. Francisco de Caxias do Sul (sentado) Olívia Osório, Nelson Hoffmann e Dr. Oscar Leonardelli da Rádio Fátima. Em pé: Heitor Maciel, Ilson Oliveira, Frei Antoninho Pasqualon e Dr. Vilm**



**Figura 8 - Olívia Osório capinando na lavoura.**



**Figura 9 – Vacaria – 2-8-1990 – 8º aniversário de Fernando (filho de João Maria), Constância, Olívia, Fernandinho, seu coleguinha, Andrezinha, Fernanda Aparecida, Juliana, Amância Natal e a prof.ª Vera Catharina Silveira Hoffmann, recém-formada no Campu**

**Figura 10 – No Rodeio de Vacaria: Ilson Oliveira (primeiro à esquerda), Olívia, Andrezinha, Fernandes Alves Osório (pai dos Irmãos Osório), João R. Fortuna e Amâncio Natal Hoffmann.**





**Figura 11 – Clemente Argolo, Lagoa Vermelha – Constância, Andrezinha, Olívia, Ilson, Fernandes (pai), João Maria e Hoffmann.**



**Figura 12 – Correia Pinto – SC – colegas dos Irmãos Osório, no circo de Hugo Meyer: Paulo Bento, Zé da Estrada, Celito e Ramon Perez – Os Irmãos Estrada.**



**Figura 2 – D. Marlene Prativiera Chedid, entrega um Destaque Ceava, nas mãos de Olívia Osório, Honra ao Mérito 88, no Jockey Club de Vacaria. Por ter Olívia, feito uma reportagem em seu Jornal TRG, que denunciava a falta de atenção para o trabalhador. O título da matéria: Trabalhador cm forme não trabalha. Na transmissão o repórter Edson Guimarães.**



**Figura 1 – São Gonçalo do Sapucaí, Sul de Minas Gerais, na ocasião em que o Prefeito Elói Radin Alerant, fez entrega de mil terrenos ao povo do município, com a apresentação de Olívia Osório.**





**Figura 15 – Minas – Olívia Osório desembarcando do helicóptero do Prefeito Elói R. Alerant. São Gonçalo do Sapucaí.**



**Figura 16 – Apresentação de Olívia Osório, com Beno Santos (baixo), Zenir Maciel (guitarra), Valdir Maciel (acordeonista) e Rogério Moreno (bateria).**



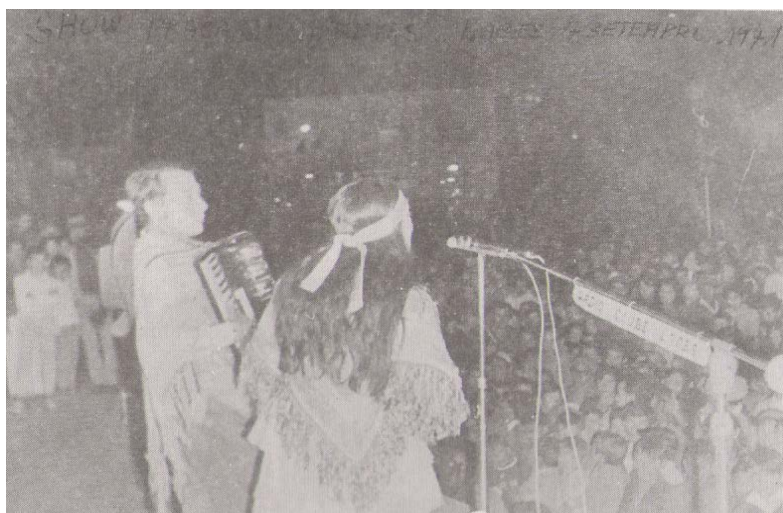
**Figura 17 – Lages - SC – Olívia Osório, João Maria (tocando) e Anselmo Sganzerla, esperando a Primeira Dama – D. Iolanda Costa e Silva.**



**Figura 18 – Os Irmãos Osório (João Maria e Olívia) na TV Planalto de Lages.**



**Figura 19 – Vacaria, 20-9-95 no Parque Ferradura: Sérgio Andreatta, Isabel Bueno, Olívia Osório, Sérgio Maciel e Edson Hoffmann.**



**Figura 20 - Lages – SC – 7-9-1971 - os Irmãos Osório apresentando show para 12.000 pessoas, com transmissão da Rádio Clube.**



**Figura 21 – Lages – SC – João Maria Osório (acordeon), sr. Carlos Jofre do Amaral (de terno) fundador da Rádio Clube de Lages e TV Planalto, e Olívia (acordeon).**

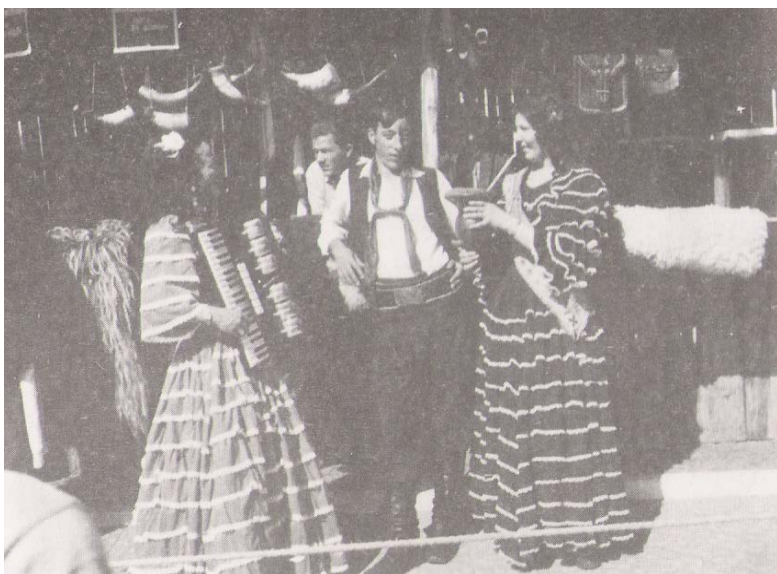


**Figura 22 – Lages – SC – Olívia entregando flores a D. Iolanda Costa e Silva no rancho dos Irmãos Osório, durante a 1ª Festa do Pinhão.**





**Figura 23 – Lages – D. Iolanda Costa e Silva, dama de companhia, sr. Paim e seu filho, no Rancho dos Irmãos Osório.**



**Figura 24 – Lages – Olívia, Eliana, o chuleador Jorge, do CTG Porteira Serrana, no rancho que recebeu a visita de D. Iolanda Costa e Silva.**



barbosa

**Figura 25 – Destaque Ceava. N Jockey Club de Vacaria RS (da esquerda) Dr. Vilmar da Silva Barbosa, sua esposa, empresária Marilurdes Sandi Barbosa, Ilson Oliveira e Olívia Osório, quando tomavam uns drinques para comemorar a Honra ao Mérito, recebida pe**



**Figura 26 – Vacaria no CTG Porteira do Rio Grande no Festival: Olívia, João Almeida Neto e Oscar Leonardelli.**



**Figura 27 – Olívia Osório fazendo o lançamento de L.P. em Vacaria, no cine Guarani.**

**Figura 28 –  
Fernandinho Osório,  
no concurso de violão  
solo: no XX Rodeio  
Criolo Internacional  
de Vacaria, RS,  
quando, recebeu o  
título de vice-  
campeão.**





**Figura 29 – No estúdio Master Som, de S. Paulo, Olívia Osório gravando música “Bar da Esquina” ao lado de Pedro Paulo e Claudino – a famosa dupla Erean e Ereandro, de S. Paulo.**



**Figura 30 – Vacaria – no 1º aniversário do jornal Tribuna do Rio Grande do Sul, Dr. Laércio Berthier, Juiz de Direito, e o Dr. Victor Hugo Garcez, ambos conterrâneos de Olívia e ex-alunos do coautor Fidélis Dalcin Barbosa, Dr. Irineu da Luz e D. Tersinha Ramos.**





**Figura 31 – Vacaria – no 1º aniversário do jornal Tribuna do Rio Grande do Sul: José Francisco S. de Oliveira, Amâncio Natal, Rosilene, Deoraci Silveira, Teresinha Borges Ramos, Olívia Osório, João Maria Osório e Andrezinha Antunes Ozório.**



**Figura 32 – Olívia conversando com seu conterrâneo o Dr. Jarbas Lima, Deputado Federal, ao lado do Ilson Oliveira.**



**Figura 33 Cruz Alta, RS, Olívia assinando contrato com a impressora do jornal Cruz Alta Urgente para imprimir o jornal Tribuna do Rio Grande.**



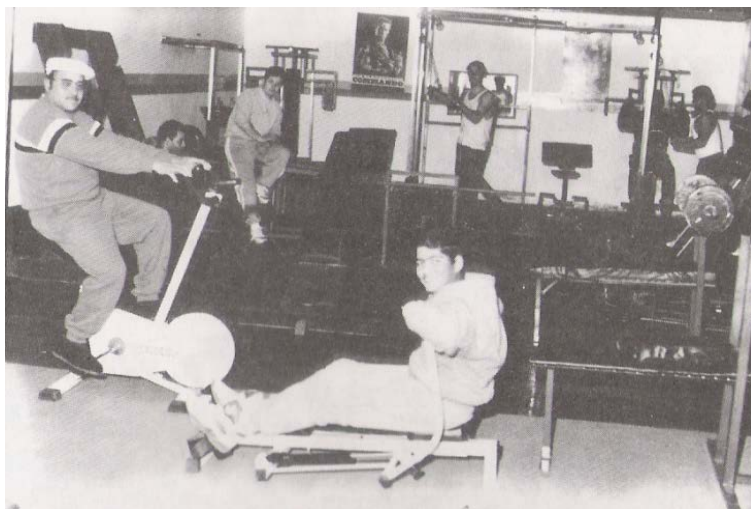
**Figura 34 – Vacaria no 1º ano da fundação do jornal Tribuna do Rio Grande, com o radialista Dr. Oscar Leonardelli e Dr. Antônio Adalmir Alvez, discursando.**



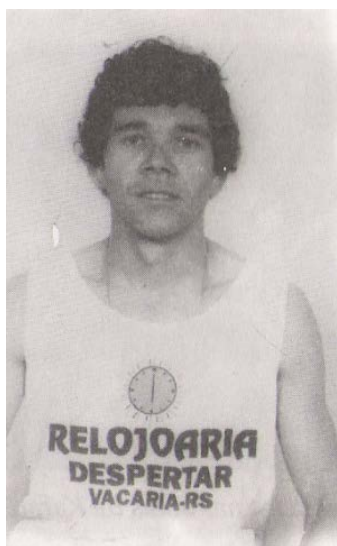
**Figura 4 – Prof. Tito da Corpo Livre Academia. Está fazendo demonstração de Quebramento de Telhas.**



**Figura 36 – Prof. Tito faz demonstração de um golpe chamado TUIO NOPI AP TCHAGNI. Bicicleta com chute frontal para cima: o professor Tito é faixa preta 1º Dan, foi campeão estadual na categorial faixas pretas da ART – Associação Riograndense de Taekwond**



**Figura 37 – Academia América Sport Musculação. Av. Glorocinto Moraes Filho nº 30. Proprietários: Livino Maria dos Santos, Airton Maciel dos Santos e Rudinei M. dos Santos. Olívia Também pratica esporte nessa academia: E nos fundos da academia, se vê Rodrigo, Riva, Alisson e Verdi.**



**Figura 5 Figura 38 – Vê-se na foto, o fundista João Luís Borges Antunes, com 32 anos, natural de Bom Jesus. Representa hoje a Relojoaria Despertar e a Academia América Sport, em Vacaria, RS. Tem mais de trinta (30) classificações em provas. O atleta é casado com prof. Tito.**





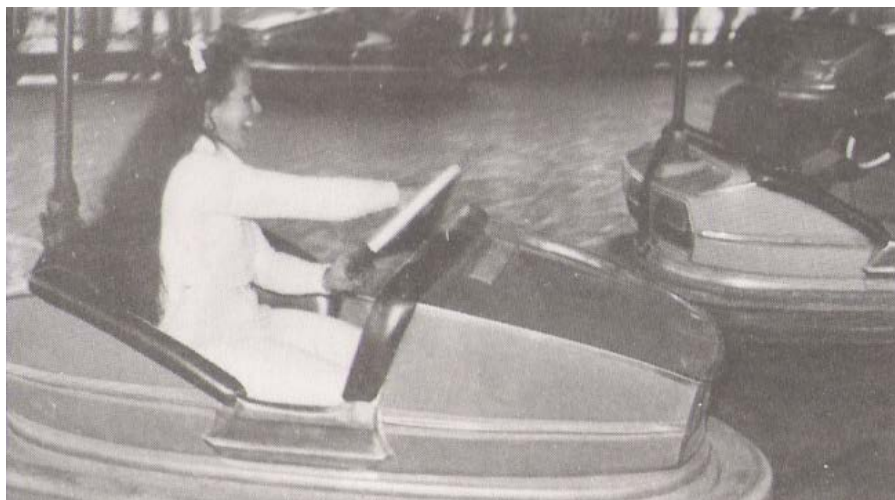
**Figura 39 – Este grupo de amigos e colegas, fazem parte de um grupo de Karatê. Olívia, Flávio Fiório, Odete Mariza Goulart Zanette, Elio Zanette, Luciano de Oliveira Fernandes, Marcos Leandro C. Alves Rodrigo Kramer da Fonseca e Fabiano Paganela.**



**Figura 40 – Olívia Osório fazendo exercícios nas aulas de Karatê, antes das apresentações.**



**Figura 41 – Olívia no auto-choque do Parque Tupã de Hugo Meyer, em Vacaria.**



**Figura 42 - Olívia brincando no Parque Tupã de Hugo Meyer.**



**Figura 43 - Olívia cantando Asa Branca de Luís Gonzaga no Parque Tupã.**

## **Índice de ilustrações**

Figura 1 – São Gonçalo do Sapucaí, Sul de Minas Gerais, na ocasião em que o Prefeito Elói Radin Alerant, fez entrega de mil terrenos ao povo do município, com a apresentação de Olívia Osório..... 72

Figura 2 – D. Marlene Prativiera Chedid, entrega um Destaque Ceava, nas mãos de Olívia Osório, Honra ao Mérito 88, no Jockey Club de Vacaria. Por ter Olívia, feito uma reportagem em seu Jornal TRG, que denunciava a falta de atenção para o trabalhador. O título da matéria: Trabalhador cm forme não trabalha. Na transmissão o repórter Edson Guimarães..... 72

Figura 33 Cruz Alta, RS, Olívia assinado contrato com a impressora do jornal Cruz Alta Urgente para imprimir o jornal Tribuna do Rio Grande. .... 82

Figura 4 – Prof. Tito da Corpo Livre Academia. Está fazendo demonstração de Quebramento de Telhas..... 83

Figura 5 Figura 38 – Vê-se na foto, o fundista João Luís Borges Antunes, com 32 anos, natural de Bom Jesus. Representa hoje a Relojoaria Despertar e a Academia América Sport, em Vacaria, RS. Tem mais de trinta (30) classificações em provas. O atleta é casado com prof. Tito..... 84









Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

Aconteceu, então o que motivou o título do presente livro. Durante 45 minutos, a cantora foi considerada morta, a ponto de se cogitar em velório e sepultamento.

Durante o tempo em que esteve naquele estado, Olívia cuidava haver chegado aos umbrais do céu. Entrou numa espécie de túnel, sendo recebida por um senhor de idade, com o qual passou a dialogar, obtendo informações surpreendentes, capazes de impressionar qualquer leitor.

Recuperada, Olívia retornou a Vacaria, reassumiu sua carreira artística, prosseguiu os estudos, formou-se em jornalismo no Rio de Janeiro, para estando no gozo da perfeita saúde, enfrentar-se por mais duas vezes com a morte, da qual se livrou por graça especial dos céus.

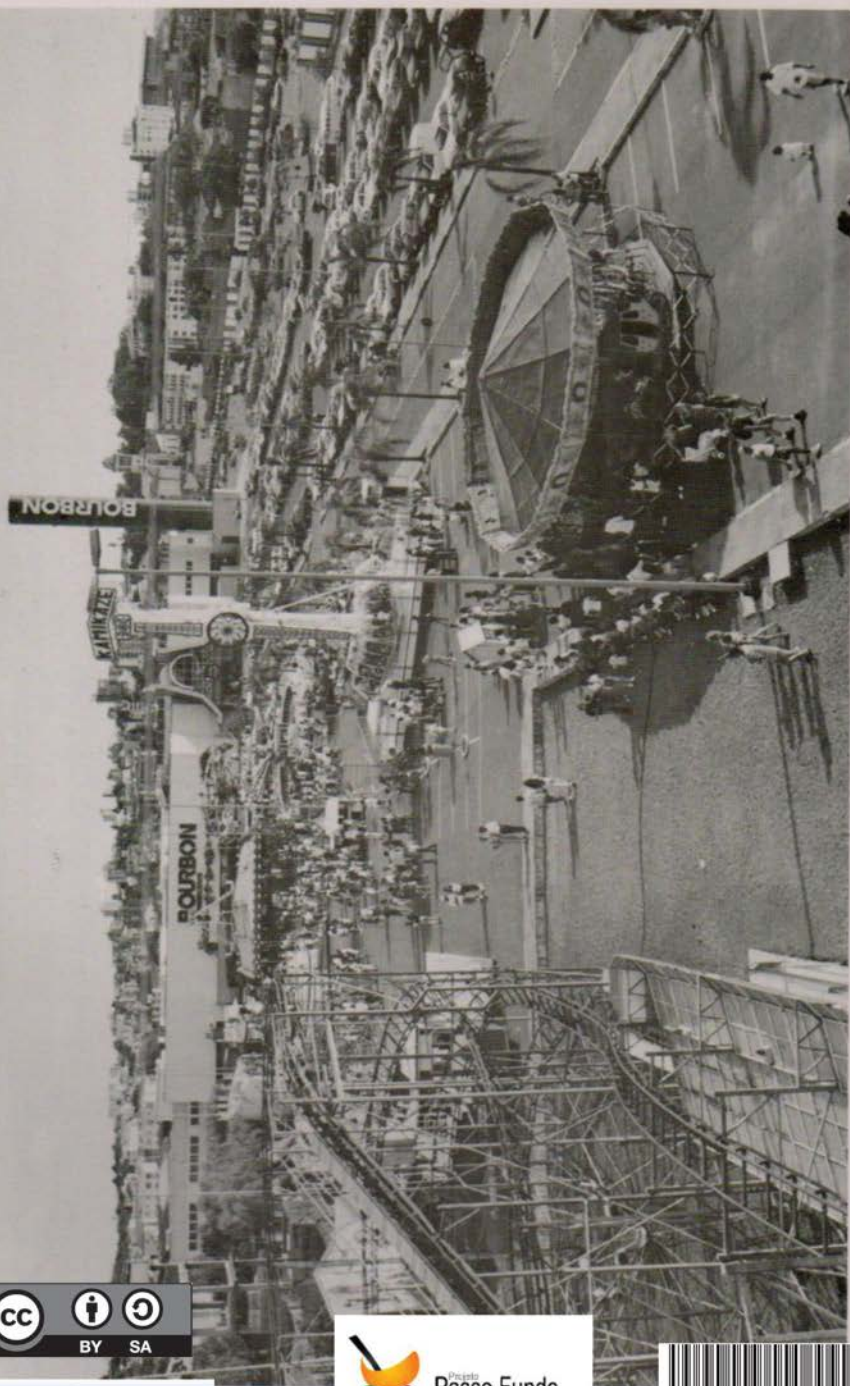
Agora, faz mais de dez anos, vive cantando e tocando, sem necessidade de tratamento médico, sem ingerir remédio algum.

Agradecida ao Senhor, além de alegrar as multidões com sua sanfona de 120 baixos e com sua voz encantadora, Olívia, como pessoa carismática, dedica seu tempo disponível às obras sociais e religiosas.

E, agora, convida a colaborar com a população vacariana, vai concorrer a uma cadeira no parlamento municipal, nas próximas eleições de três de outubro deste ano de 1996.

Os Editores.

# Parque Tupã



Parque Tupã, de Hugo Meyer – o maior parque de diversões do sul do Brasil, Patrocinador deste livro.



Portal  
**Domínio Público**  
Biblioteca digital desenvolvida em software livre.



978-85-8326-016-5